

Um Olhar Sobre A Cultura Sertaneja Em Minaçu-Goiás (2014)

Eliane Márcia Rodrigues

Da Universidade Estadual de Goiás, Minaçu, Goiás – Brasil
elianemarcia@hotmail.com

Joyce de Almeida Borges

Da Universidade Estadual de Goiás, Minaçu, Goiás – Brasil
joycealbo@yahoo.com.br

Resumo: A ideia de sertão historicamente construída no Brasil remete a um lugar seco, de pouca água, difícil de sobreviver, ou lugar pouco habitado, em que os moradores sofrem por vários fatores, como por exemplo, a fome, seca, inclusive a falta de acesso às tecnologias. Essa ideia vem da imaginação reforçada pelos estereótipos que são produzidos pelos primeiros viajantes que conheceram as regiões brasileiras. Além de outras representações recorrentes da mídia como, os filmes e as novelas. Estas concepções de sertão também se sustentam pelo fato de uma parte do Brasil ter riquezas, e em outras partes, pobres. Entretanto, as desigualdades sociais e históricas estão presentes em qualquer paisagem. A partir disto, propomos debater as seguintes questões neste trabalho: Há traços visíveis e não visíveis da cultura sertaneja? O que compõe o sertão? Como espacializa a cultura sertaneja em Minaçu? Como são as histórias de medo contadas pelos sertanejos? Este artigo tem como cunho metodológico, a reflexão teórica e procedimentos qualitativos e quantitativos comuns às pesquisas geográficas contemporâneas, mas especificamente faz uso principalmente da História Oral. Os resultados obtidos por esta pesquisa mostram que a cultura sertaneja está presente em Minaçu em histórias, crenças e objetos pessoais pertencentes aos moradores.

Palavras chave: Histórias Oraís. Sertão. Minaçu.

INTRODUÇÃO

A categoria sertão possui em nosso imaginário uma referência associada principalmente ao Nordeste. Por isso buscamos inicialmente neste trabalho entender como o sertão aparece materializado na paisagem nordestina por meio de figuras como o Lampião, Maria Bonita, Corisco e outros sujeitos importantes para a história do Cangaço. Neste sentido buscamos também observar como a paisagem da Caatinga expressa o modo de vida sertanejo.

Posteriormente, nos amparamos em Almeida (1998) e em Brandão (2009) para refletirmos a respeito do fato de que o sertão não estar apenas na Caatinga, mas também nos Gerais, no Cerrado, na Amazônia e até na vida cabocla de homens e mulheres do sudeste e sul brasileiro. A partir de tal reflexão pontuamos que a Região Norte de Goiás

apresenta traços visíveis do sertão, não apenas pela distância desta região com relação às capitais de Goiânia e Brasília, mas principalmente por abrigar migrantes nordestinos e de diversas partes do Brasil que reproduzem em Minaçu hábitos rurais e urbanos mesclados em 2014, como observaremos de forma mais detalhada ao longo deste artigo.

Este artigo é fruto de um Projeto de Monografia. Os depoimentos obtidos em trabalho e campo sobre histórias de medo e de contos repassados historicamente pelos moradores de Minaçu também serão bastante explorados. Contudo, a realização desta pesquisa, nos fez repensar novas perspectivas sobre a ideia de sertão. Percebemos também que, o geógrafo possui um olhar interessante capaz de conseguir ler o sertão, assim como a Arte, a Literatura e a Música e que é enriquecido por meio das falas dos sujeitos entrevistados.

PASSOS METODOLÓGICOS NA CONSTRUÇÃO DA PESQUISA

A Geografia se sistematizou em fins do século XIX, construiu um arcabouço teórico e metodológico que a credencia como uma importante ciência moderna. Com a eclosão do movimento de renovação na geografia em meados da década de 1960, no Brasil, tivemos um processo de contestação ao Positivismo nesta ciência. A partir de 1970, houve uma aproximação com o Marxismo, por meio da Geografia Crítica, e a partir de 1980, ocorre uma “virada cultural” que fortalece a Geografia Humanista, que passa a considerar o mundo vivido, baseada principalmente na Fenomenologia e na valorização dos sujeitos.

Neste sentido, esta pesquisa tem como cunho metodológico, procedimentos tanto qualitativos quanto quantitativos comuns às pesquisas geográficas contemporâneas. Entre eles, podemos destacar os instrumentos qualitativos, como o uso da “história de vida”, no qual o vislumbramos a partir de Amado (2006, p. 17): “Fazer história oral significa, portanto, produzir conhecimentos históricos, científicos, e não simplesmente fazer um ordenado da vida e da experiência dos “outros””. Além da oralidade, ainda como elemento de cunho qualitativo aplicado a esta pesquisa, podemos citar o uso do subjetivismo, da memória, do simbolismo, do sentimento, como, a observação de objetos pessoais e coletivos, e das atividades desempenhadas pelos sertanejos, bem como os registros fotográficos.

Quantitativamente esta pesquisa baseou-se na pesquisa direta com 6 entrevistados, que moram no campo e na cidade. Para alcançar os resultados da pesquisa traçados inicialmente junto aos objetivos iniciais da pesquisa, foram elaborados roteiros de entrevistas estruturadas e não estruturadas, com pessoas de ambos os sexos. A faixa etária

variou de 31 a 79 anos, para entender de forma distinta a cultura local e analisar a partir do empírico as histórias relatadas oralmente pelos moradores de Minaçu.

As histórias contadas nos faz pensar como os causos, mitos e assombrações ainda estão presentes no imaginário sertanejo das populações contemporâneas. O que significa que mesmo com as mudanças tecnológicas a cultura tradicional ainda permanece viva não só simbolicamente, pois se materializa de diferentes formas.

O QUE PODEMOS CONCEBER COMO SERTÃO NO BRASIL?

A ideia de sertão e as representações historicamente construídas no Brasil remetem a imagem de um lugar seco, de pouca água, difícil de sobreviver, ou lugar deserto, pouco habitado, em que os moradores do local sofrem por vários fatores, como por exemplo, a fome, seca, inclusive a falta de acesso às tecnologias. Essa ideia vem da imaginação reforçada pelos estereótipos que são produzidos pelos primeiros viajantes que conheceram as regiões brasileiras. Além de outras representações recorrentes da mídia como os filmes e novelas. Estas concepções de sertão também se sustentam pelo fato de uma parte do Brasil ter muitas riquezas, e em outras partes, muitas pobreza. Entretanto, as desigualdades sociais e históricas estão presentes em qualquer paisagem. Sendo assim, o sertão não pode ser concebido apenas como sinônimo de pobreza. Existem diferentes concepções acerca do que vem a ser sertão e de como ele se manifesta ou expressa em diferentes tempos históricos e diferentes paisagens sertanejas.

Uma dessas concepções destaca Caatinga como bioma que representa com mais evidência as características físicas do sertão, principalmente por estar localizado no Nordeste brasileiro e ter como paisagem central a seca. Entre os elementos sociais a pobreza passa a ser elemento presente do que se entende como sertão no Brasil. Ou seja, desta forma, as questões físicas e sociais das paisagens acabam construindo a ideia de sertão. O sertão no Nordeste, por ser uma das representações mais férteis em nosso imaginário, entre todas as regiões sertanejas, foi a primeira a ser colonizada, o clima é semiárido e as precipitações podem demorar e quando ocorre o nível é baixo prolongando assim o período da seca, com isso o desenvolvimento da agricultura e da pecuária são prejudicados.

No Sertão semiárido sua atividade econômica é a pecuária extensiva, o Sertão é a área mais seca do nordeste e a mais extensa onde a Caatinga é predominante a bacia do rio São Francisco é a maior que há na região onde foi construída a hidrelétrica de Sobradinho na Bahia, a pecuária extensiva e de corte estão presentes na economia local, com as

plantações que estão prosperando com o processo de irrigação. A Caatinga sertaneja consegue sobreviver ao período de seca, mas na região próximo à Bahia e Pernambuco, próximo ao rio São Francisco está desenvolvendo fruticultura e a plantação de soja para exportação sendo possível a realização dessa atividade através de irrigação desviando a água do rio para as plantações, ou seja, podemos vislumbrar um sertão atualmente, produtivo capaz de produzir riquezas econômicas. (ALMEIDA, 2008).

Geograficamente as regiões que compreende o sertão brasileiro são parte dos estados da Bahia, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Piauí, Sergipe, Alagoas e Ceará, algumas regiões de Minas Gerais abrangendo o Vale do Jequitinhonha, e Goiás. O sertão ao contrário do se que se imagina não são apenas regiões semiáridas, há locais do sertão de áreas úmidas, o que explica as diversidades do bioma e das paisagens distintas de cada região. Assim, Almeida (1998, p. 75) observa que, não há um único sertão.

O sertão referido aqui engloba os chamados sertões nordestinos – desde o norte de Minas Gerais abrangendo os estados centrais e do Nordeste até o Piauí – e o sertão brasileiro, considerando os estados de Minas Gerais, de Goiás, de Mato Grosso do Sul e parte do Mato Grosso. Brandão (1995) faz referência ao sertão e sertanejos comentando sobre o interior de São Paulo, Ab'Sáber (1994-1995, p 95) é sensível às variações climáticas e fisionômicas e distingue outras tipologias como “sertão bravo” (áreas mais secas), “altos sertões” (áreas semi-áridas rústicas e típicas existentes nas depressões colinosas), “caatingas agrestadas” ou “agrestes regionais”. São, portanto, vários os sertões. Entretanto, o uso estabeleceu que o sertão são as terras áspers do interior, com matas que não são florestas, o que culminou por, historicamente e socialmente, aproximar os biomas da caatinga e do cerrado.

Almeida (2008) também afirma que a manutenção e extinção de expressões culturais denotam a interação dos “homem-sertões” e como essas populações sertanejas “enraízam-se” no território. Ou seja, é difícil conceber o sertão, sem pensarmos nas paisagens, nos biomas brasileiros, pois os serem que habitam esses espaços dependem dessas paisagens e as constroem.

Contudo, segundo Almeida (1998), o sertão pode ser compreendido também pelos aspectos físico-geográficos e culturais. O sertão nordestino e brasileiro é formado por três principais etnias os índios, negros e brancos. A cultura local foi bastante alterada, conflitos territoriais, uma região rica na culinária, na música, destacando os ritmos populares, na dança onde o frevo, maracatu e o carnaval fora de época estão sempre presentes. Além da Literatura Popular de cordel que retrata o período colonial trazida por portugueses e os repentistas que faz a festa dando um show por onde passa contribuindo com grande bom humor e criatividade dos versos cantados com suas rimas perfeitas. Portanto, as identidades sertanejas se imbricam se mesclam e apresentam dinamicidade, o

que não permitiria, também, referir-se a uma identidade cultural e territorial unívoca para o sertanejo, como nos ensina Almeida (2008).

A dinâmica do sertão não é apenas as características físicas que nele se apresentam o ser humano rotulado como sertanejo, mas todo o conjunto entre o antrópico e a natureza que vão se unificar para uma tipologia sertaneja, em que as forças naturais se manifestam e o homem obedece às condições climáticas e as formas atribuídas, tanto da paisagem como do clima. Assim, o sertão é observado e caracterizado como um conjunto de símbolos a serem decifrados para compreender e atribuir a ele a melhor forma de ocupação no processo geográfico, para Moraes (2009, p.89).

Na verdade, o sertão não é um lugar, mas uma condição atribuída a variados e diferenciados lugares. Trata-se de um símbolo imposto – em certos contextos históricos – a determinadas condições locais, que acaba por atuar como um qualificativo local básico no processo de sua valorização. Enfim, o sertão não é uma materialidade da superfície terrestre, mas uma realidade simbólica: uma ideologia geográfica. Trata-se de um discurso valorativo referente ao espaço, que qualifica os lugares segundo a mentalidade reinante e os interesses vigentes neste processo. O objeto empírico desta qualificação varia espacialmente, assim como variam as áreas sobre as quais incide tal denominação. Em todos os casos, trata-se da construção de uma imagem, à qual se associam valores culturais geralmente, mas não necessariamente, negativos, os quais introduzem objetivos práticos de ocupação ou reocupação dos espaços enfocados.

Dentre uma das peculiaridades do sertão podemos exemplificar também o Vale do Jequitinhonha.¹ No passado as matas predominavam apenas a paisagem natural, era habitado por tribos indígenas, na região de Diamantina ocorreu à exploração de diamantes degradando o local, o solo é árido e as secas e enchentes castigam o lugar, é considerada uma das regiões mais pobres do Brasil fazendo parte do sertão brasileiro. Onde parte da população vive na área rural pratica atividades rudimentares e atividades mercantis. Destaca-se também o artesanato em cerâmica com argila, os potes, asoringas, as panelas e posteriormente estatuas de pessoas e animais.

Essa prática cultural é uma tradição que vem sendo mantida de geração a geração é uma técnica indígena. No sertão há áreas em que o solo não é muito fértil por ser muito árido. Por este fato, aparecem muitos artistas plásticos, cantores, repentistas, dançarinos, compositores e escritores de livros que relatam por suas experiências vividas no sertão, suas histórias de vida ou histórias de parentes e amigos. Entre uma das produções da cultura sertaneja podemos destacar a literatura de cordel, repentistas, danças e músicas como:

¹ É situado no norte de Minas Gerais, pertencia a Bahia até o final do século XVIII, o nome é de origem tupi e significa “espécie de armadilha de pesca”.

Migrante

Sou das águas retiradas.
Sou do sertão nordestino.
Das caatingas desertei,
Lamentando meu destino.
Pois deixar o meu torrão,
Machucava-me o coração
Causando-me desatino.

Meu dialeto sagrado,
Era motivo de riso.
Era uma rês desgarrada,
Mas seguir era preciso.
Pedi a Deus proteção,
E virgem Conceição,
Para me dar mais juízo.

Não reneguei minha terra,
E jamais renegarei.
De ser filha do Nordeste,
Sempre me orgulharei.
Lamento até ter perdido,
Aquele sotaque antigo,
Que de lá eu carreguei.
Na minha casa nova,
Onde hoje brilha o chão,
Num canto especial,
Avista-se um pilão,
Em outro canto uma rede
Onde embalo com sede,
As saudades do sertão.

Tapioca com manteiga,
Não deixo de comer não.
Numa panela de ferro,
Faço um gostoso baião.
Cabeça de galo e mal assada,
São iguarias apreciadas,
Com gosto de tradição.

Rezo pra são Francisco,
E padre Cícero Romão.
Pra proteger Ipueiras,
Meu pequenino rincão
Pois é lá minha ribeira,
Onde a linda carnaubeira,
Ao vento lança canções².

Outra concepção muito conhecida e associada ao sertão no Brasil é o Cangaço, que ocorreu em meados do século XX, atuando nas cidades dos estados do Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas Sergipe e Bahia. Os integrantes habitavam o sertão ou era empregados de latifundiários, a criação do movimento foi direcionada para defender as propriedades de terra do poder público e do coronelismo.

Na historia do Cangaço existiram três tipos bem distintos. O cangaço defensivo: que defendiam as propriedades rurais, pela disputa de terras entre famílias, posseiros e índios. O Cangaço político: que expressava o poder e a repreensão dos menos favorecidos. E o cangaço independente: preservando a propriedade contra os bandidos. Os cangaceiros assim que terminavam sua missão voltavam para seus cargos oficiais, como vaqueiros ou lavradores e muitos tinham um grau parentesco com o chefe do clã ou alguma dívida moral, tornando ligados e compondo o exército de forma recíproca.

Foi uma das épocas de maior miséria no Nordeste e descaso total das autoridades. Os cangaceiros aterrorizavam sem pudor, sequestravam figuras importantes para conseguir seus objetivos, os crimes que cometia atingia tanto rico quanto pobre sem distinção, idealizando uma justiça social para camuflar seus crimes, um movimento de revolta com o descaso das autoridades e com o sertanejo nordestino.

O principal componente do movimento era Virgulino “Lampião”. Em um tiroteio com os policiais, mesmo com a escuridão ele disparou tantos tiros que iluminou o local ficando semelhante a um lampião muitos admiravam a postura de bravura que impunha enquanto outros temiam sua presença, sua atuação no grupo foi decorrente de uma situação financeira muito baixa, perdeu a propriedade da família e teve seu pai assassinado. Os policiais não conseguiram inibir o bando que se fortalecia cada vez mais, o grupo só perdeu sua força com a morte de Lampião. O segundo chefe de bando mais popular foi

² A autora do cordel é Dalinha Catunda, sendo ela uma poetisa e cordelista cearense que ocupa uma cadeira na ABLC – Academia Brasileira de Literatura de Cordel. O cordel relata a paixão e o orgulho do nordestino pelo lugar de origem, a vontade de viver e construir sua vida no nordeste, os sonhos que são destruídos pela falta de políticas públicas a ser implantada no sertão, a tristeza em deixar a família para buscar melhores oportunidades de emprego e uma vida digna.

Corisco “Diabo Verde”, que morreu em batalha colocando fim ao Cangaço independente, embora a luta pela terra permaneça no Nordeste e no Brasil.

Contudo, muitos escritores descrevem o sertão por meio da Literatura, assim como Guimarães Rosa, que relata fatos harmônicos entre os autores principais e poetizam a fala quando retratam o sertão. Deste modo, relataremos alguns elementos geográficos da cultura sertaneja na Literatura em *Grande Sertão: Veredas*. Será que no sertão literário e real tem elementos também presentes e comuns na cidade de Minaçu atualmente?

A LITERATURA E A PAISAGEM NA INTERPRETAÇÃO DO UNIVERSO SERTANEJO

O sertão aparece na Literatura incorpora a realidade associada ao romantismo. João Guimarães Rosa, autor da obra *Grande Sertão: Veredas* analisa o sertão junto aos acontecimentos cotidianos e de crenças. Nestas crenças, há um confronto entre o bem e mal. As crenças vivenciadas pelos sertanejos de Minaçu serão mostradas no final deste artigo, com histórias de vida e casos comuns aos povos do sertão.

A arte, a literatura, a música também remetem leituras sobre a paisagem, o território, a cultura. É parte ou retrato do modo de vida denominado “sertanejo”. Assim, o livro de João Guimarães Rosa publicado em 1956, onde Riobaldo é apresentado como primeira pessoa da história sertaneja romantiza alguns trechos relatando mistérios que envolvem desejo, paixão e violências. Riobaldo é um ex-jagunço que pertencia a bandos, fez um pacto com o diabo em troca de proteção acreditando no progresso pessoal através desse pacto. Ele enfrentou muitas lutas e opressões. Entendemos a figura do “Diabo” como tipicamente criada pelo imaginário sertanejo e pela religiosidade dos povos, por isso relataremos como é feito o procedimento do pacto com o diabo em *Grande Sertão: Veredas* (GUIMARÃES ROSA, 1979 p.64) na personagem de Riobaldo:

Eu ouvi aquilo demais. O pacto! Se diz _ o senhor sabe. Bobéia. Ao que a pessoa vai, em meia-noite, a uma encruzilhada, e chama fortemente o cujo _ e espera. Se sendo, há-de que vem um pé de vento, sem razão, e arre se comparece uma porca com ninhada de pintos, se não for uma galinha puxando barrigada de leitões. Tudo errado, remedante, sem completção... O senhor imaginalmente percebe? O crespo _ a gente se retém _ então dá um cheiro de breuju queimado. E o dito _ o Côxo _ toma espécie, se forma! Carece de se conservar coragem. Se assim o pacto. Se assim com sangue de pessoa. O pagar é a alma. Muito mais depois. O senhor vê, superstição parva?

O livro é recheado de histórias de contradições sociais, por que retrata a vida do peão, do fazendeiro, das prostitutas, das moças direitas, a luta pela vida em contra parte da

matança, essa contradição também acontece com o rapaz pobre que de jagunço vira dono da fazenda, vai de empregado a patrão.

O espaço que ocorre a narrativa é no sertão começando pelo Chapadão do Urucúia onde foi realizada a travessia do rio São Francisco e conhece um amigo, Reinaldo “Diadorim”, que vai ajudar na trajetória de Riobaldo até chegar à fazenda dos tucanos, onde se apaixona por “Diadorim”, mas teve medo de revelar o seu sentimento, por preconceito que traz na cultura do povo sertanejo que homem só pode ter relacionamento com mulher. Assim ele não podia revelar seus sentimentos por que ela se vestia de jagunço fingindo ter uma identidade falsa, para conseguir realizar uma vingança pessoal, em honra do seu pai que foi baleado em sua frente, mas é baleado e morto e só depois de sua morte que a verdadeira identidade é revelada. O que evidencia o preconceito na história e na vida real.

Assim Riobaldo passa a analisar sua vida e percebe que os sentimentos é uma arma forte que pode destruir a felicidade de quem não tem coragem de demonstrar o que pensa e que tem ideologias propostas pelas pessoas do que é certo ou errado. Percebem-se os fatores culturais que condenam determinados fatos atraindo sentimentos de aprisionamento do mundo interior por medo de ser julgado como diferente, ele descobriu que não havia nenhum pacto com o “diabo”.

O sertão traz à sensibilidade a poesia até mesmo as inspirações de Riobaldo que se torna um filósofo ao admirar e relatar as paisagens sertanejas o modo de vida cultural, os romances, as lutas pela terra, retrata o medo do desconhecido que leva a incertezas que retrai e impossibilitam a lutar pelos desejos pessoais, como regras que são estabelecidas pela sociedade do que é certo ou errado, os pudores que não podem ser quebrados dentro de uma cultura rígida, o medo de ser condenado pela população, “*cair na boca do povo*”, deixa para trás os anseios e os desejos carnis por obediência mesmo que inconsciente que é estabelecido por um conjunto de fatores culturais.

O sertão é retratado como um imenso lugar faz parte do mundo de Riobaldo, grande e forte, essa força vem da natureza na qual precisam ser respeitadas pelo ser humano, as forças naturais se manifestam e direcionam o ser humano apontando ate onde ele pode chegar e o momento certo para recuar, na luta de Riobaldo ela enfrenta o bem e o mal conhecendo o sertão como a si próprio, relata conhecer o lugar da mesma forma que conhece a sua vida, os costumes e os códigos que são caracterizados em uma linguagem bem diversificada entre cada grupo, nomeia e simboliza o lugar de acordo com o que vivencia.

Para Almeida (1998) tanto o sertão quanto o sertanejo são formadores da paisagem, formando assim uma identidade típica sertaneja. Com isso Riobaldo descreve o sertão como “*estes seus vazios*”, “*alguma coisa ainda encontra*”, são relatos de grandes espaços, como as fazendas, com poucas pessoas explorando as terras, é uma incógnita (GUIMARÃES ROSA, 1979, p. 27).

Todos nós sentimos medo de algo. No sertão o medo é o mesmo para os que amedrontam com seu sistema rudimentar. A paisagem se encarrega de fazer sua parte, irradiando mistérios por seus vales e colinas, que modifica a todo instante, criando ilusões paisagísticas quando o vento bate nas folhas e formam sombras estranhas, o medo que o ser humano tem, causado não apenas pelo medo do inconsciente. O medo e as dificuldades encontradas no sertão, no dia-a-dia sertanejo, são descritas por Guimarães Rosa (1978, p. 65) descrevendo os modos de vida, a coragem, os perigos:

Viver é muito perigoso. Mas o infernal a gente também média. Digo. A igual, igualmente. As chuvas já estavam esquecidas, e o miolo mal do sertão residia ali, era um sol em vazios. A gente progredia dumas poucas braças, e calcava o refundo do areião _ areia que escapulia, sem firmeza, puxando os cascos dos cavalos para trás. Depois, se repraçava um estraço de vice-versa, com espinhos e restolho de graviá, de áspera raça, verde-preto cor de cobra. Caminho não se havendo. Daí, trás lá um duro chão rosado ou cinzento, gretoso e escabro _ no desentender aquilo os cavalos arupanavam. Diadorim _ sempre em prumo a cabeça _ o sorriso dele me dobrava o ansiar. Como que falasse: “Hê, valentes somos, corruscubas, sobre ninguém _ que vamos padecer e morrer por aqui...”

A contradição entre Deus e o diabo, entre o nascimento e a morte, a esperança de viver, a fé no milagre tornando tudo possível, e a credence na encarnação e na reencarnação conforme sua evolução, em constante ataque do diabo para colocar tudo a perder, ou seja, o que Deus cria o diabo destrói: “*Deus existe mesmo quando não há. Mas o demônio não precisa existir para haver _ agente sabendo que ele não existe, aí é que ele toma conta de tudo.*” (GUIMARÃES ROSA, 1979, p.76).

O misticismo e as credences fazem parte do mundo sertanejo, muitas estórias são relatadas pelo sertanejo, em especial os mais antigos são os contadores desses fatos, alguns com explicações simples na qual a natureza se encarrega de aplicar o castigo por não respeitarem seus limites, como por exemplo, primo casar com primo. (GUIMARÃES ROSA, 1979).

O sertão foi explorado por Riobaldo em suas missões como jagunço ele conheceu cada lugar, tanto no senso comum quando ele se referia nos buritizais ou á Serra do Deus me livre, já na origem geográfica ele utiliza de conhecimentos científicos como os pontos

cardeais, aprendendo a se localizar com a Geografia do lugar. O enlace da Geografia e da Literatura está nas relações entre Riobaldo e as paisagens sertanejas.

A Geografia e o universo sertanejo se manifesta nos estudos da Geografia Cultural. Essa corrente dará subsídio para compreendermos a relação dos moradores de Minaçu com o sertão por meio da paisagem. A paisagem é um conceito chave da pesquisa, pode ter uma visão bem distinta de quem a observa e por isso é conceituada como polissemia, tudo que está diante de nossos olhos e de nossa percepção é “paisagem”, estando sempre em constante transformação. Essas transformações que ocorrem pelos meios naturais sem atuação do antrópico, ou ação humana, “paisagem modificada” que é adaptada às condições do seu habitat a sua sobrevivência. Entendemos que por meio da necessidade do *status* real que o homem transforma a paisagem em busca de sobrevivência e adaptação.

Para Rocha (APUD SANTOS 1994) o conceito de paisagem tem como definição o visível, sendo que tudo aquilo que nós vemos, ou seja, tudo o que está ao alcance de nossa visão é paisagem, sendo definida como paisagem visível, sendo formada de cores, movimentos, cheiros, sons e outros sentidos que são percebidos pela visão.

A paisagem é uma das categorias chaves da geografia, através da paisagem pode ser identificada a cultura local, entendendo os símbolos e os significados que são transmitidos através da paisagem visual. Ou seja, de uma paisagem construída. A necessidade do ser humano de transformar a meio natural para plantar alimentos para sua sobrevivência e o cultivo da agropecuária também transforma o espaço, se modifica.

As paisagens tomadas como verdadeiras de nossas vidas cotidianas estão cheias de significado. Grande parte da Geografia mais interessante está em decodificá-las. (...) Porque a geografia está em toda parte, reproduzida diariamente por cada um de nós. A recuperação do significado em nossas paisagens comuns nos diz muito sobre nós mesmos. Uma geografia efetivamente humana crítica e relevante, que pode contribuir para o próprio núcleo de uma educação humanista: melhor conhecimento e compreensão de nós mesmos, dos outros e do mundo que compartilhamos. (COSGROVE, 1999, p. 121)

A cidade de Minaçu-Go é um exemplo de paisagem construída através da descoberta de minérios na região, o homem desmatou e explora o “Amianto Crisotila” que é utilizado na construção de caixas d’água e telhas, e na construção de casas. Essas construções fazem surgir assim a cidade no norte goiano e esta transforma a paisagem.

A CULTURA SERTANEJA EM MINAÇU: PROSAS E CAUSOS ENTRE O “ANTIGAMENTE” E “OS DIAS DE HOJE”.

O modo de vida sertanejo se construiu a partir da mistura de elementos do índio, do negro e do branco. O modo de vida particular e rudimentar possuía e possui gestos ruralizados do modo de agir caipira, assim explica Chaveiro (2004). A paisagem sertaneja e o modo de vida em Minaçu é ora marcados pela bravura e resistência dos indígenas Avá-Canoeiros, ora pelos camponeses do MAB (Movimento dos Atingidos por Barragens) expulsos de suas terras para a construção do Lago de Cana Brava, ora pelas comunidades lindeiras que habitam o entorno do Lago, e pelos jovens que reproduzem freneticamente batidas eletrônicas de funk e música urbana no “Galo Cego” da Praia do Sol, bem como por vários moradores que relatam histórias de medo e vivências coletivas sertanejas como veremos a partir deste momento. Durante a pesquisa, os relatos nos afirma que a prática do **mutirão** se faz presente no mundo sertanejo, e de forma específica, é relatado pelo Sr. José Alves de Brito dos Santos:

Tem mutirão sim, ainda tem. Más antes o povo vinha tudo, juntava todo mundo e ia pra roça. Lá todo mundo ajudava, cantava as mulheres também vinha tudo e ia tear. Era uma festa só, uma alegria. Hoje tem ainda, más não é como antigamente não. Hoje nem todo mundo vem pra trabalhar não, hoje o povo não é igual antigamente, pra trabalhar mesmo são poucos. (Entrevista realizada 02/12/2013.)

Na cidade de Goiás os moradores relatam fatos de assombração historicamente construídos como, por exemplo, a procissão das velas que é feita pelas almas, correntes arrastadas, pelos antigos escravos falecidos, almas de padres que assombam as igrejas, hotéis que ninguém consegue dormir porque as portas abrem e fecham e as lâmpadas acendem e apagam sozinhas, etc. Os relatos dos moradores se fundamentam na historia da cidade por ter sido construída pelos escravos e com muito sofrimento pelos mesmos. Esses causos e histórias narradas antigamente pelos sertanejos permanecem até os dias atuais. Mas possuem outras variações e narrativas específicas de Minaçu.

Assim, em Minaçu, entrevistamos seis moradores. Entre eles, três homens e três mulheres, na qual ouve uma diversidade entre a religião Católica e Evangélica. Quando os primeiros habitantes chegaram para se abrigarem na região, sem vizinhos, sem vendas por perto, as estradas eram apenas as que passavam as tropas de animais. Através de conversas informais com alguns dos primeiros moradores da região, destacamos alguns relatos: “*tinha muita onça por aqui, os índios eram chamados de “cumpades” para não serem ofendidos*”, “*para fazer compras tinham que ir para Trombas é gastavam quatro dias, sendo dois para ir e dois para voltar, era de mula e trazia as compras nas bruacas*”³.

³ Material em couro no qual ficava pendurado sob os animais para guardar mantimentos ou objetos.

A ideia de sertão pelos moradores de Minaçu é bastante concebida ainda como lugar vazio, que não tem nada ou poucos habitantes, o que observamos quando foi questionado “O que é sertão?”, para os entrevistados 100% responderam com o mesmo significado, no qual relataram: “É um lugar que não têm ninguém, igual quando chegamos pra cá, um vazio, difícil de tudo, longe de tudo, sem vizinhos, aqui já foi sertão, tinha índio, onça, hoje aqui não é sertão mais não”. Podemos fazer uma analogia com o que Guimarães Rosa relatou em Grande Sertão: Veredas, “sertão esses seus vazios”, refletindo a mesma análise dos entrevistados, de um lugar deserto e difícil de sobreviver, tendo que conviver com o sofrimento e os perigos encontrados nas matas.

Entretanto, as histórias relatadas oralmente remetem aos fatores sobrenaturais no qual chamam a atenção, despertando o interesse e a interação de todos que estão participando dos casos. Onde uma história sempre puxa outra, e a atenção dos ouvintes é total, ao ouvir essas histórias sempre fica o questionamento: por quê? De onde vêm esses fatos, o que aconteceu no local que causou esses fenômenos?

Os relatos de contos populares são instigantes, e a partir das entrevistas foram relatados diversos contos, entre os mais populares estão os da “mula-sem-cabeça, caipora, pé-de-garrafa, boto, Saci-Pererê, pai-do-mato, lobisomem, veado-branco, a lenda da sexta-feira da paixão, que ninguém podia tomar banho no rio nesse dia porque ficava pregado no fundo do rio, nego d’água”. Assim são relatados alguns desses contos que foram retratados:

O nego d’água pula na água e desaparece. Ali mesmo no poço das pedras ele já devorou um homem. O boi d’água é um garrancheiro que aparece no meio do rio com cara de boi. O porco d’água é a capivara dos matos. Tem até galinha d’água. Mas nego d’água é verdade mesmo. (ALMEIDA E VARGAS APUD ALMEIDA 1998, p.83).

A história do Lobisomem é relatada também por Almeida:

João Valentim é um homem que vira lobisomem. Ora, aqui ele já veio viradinho num gato, miando, miando e pedindo comida nas portas. Às vezes ele vira cachorro. Ele não faz maldade com ninguém. A mãe dele teve sete filhos homens, ele foi o último. Ela tinha que ter dado ele para o irmão mais velho batizar. Não fez e o coitadinho ficou assim, cada hora virando um bicho. Hoje ele tá velhinho e mora em Monte Alegre. (ALMEIDA E VARGAS APUD ALMEIDA 1998, p.84).

Essa história pode ser entendida, reinterpretada e contada através do depoimento da Sertaneja em Minaçu. Através dos relatos de uma das entrevistadas Edinice Francisca Marques no dia 18 de novembro de 2013:

O pai do mato não gostava que caçasse animais para matar. Assim quando eles iam para o mato caçar o pai do mato ficava escondido no meio das árvores assustando as pessoas. O pai do mato tinha suas vestes rasgadas era sujo, barbudo e feio, jogava pau e pedra, fazia muito barulho e colocava todo mundo para correr. Dessa forma todos saíam correndo e assustados, e não caçava nada.

Entretanto, o que denominamos aqui por história oral não pode ser confundido com mitos ou folclore. Consideramos aqui como história oral aquilo que é repassado entre gerações por meio da fala, como as histórias africanas por exemplo. Neste contexto, por meio do olhar da geografia cultural, identificamos as histórias de assombrações que foram relatadas pelos entrevistados como fatos cotidianos, que sempre acontece em determinados locais, sendo que o local é marcado como “aquele lugar é assombrado”, relatando o porquê dos acontecimentos. Os moradores afirmam sobre assombrações fatos que podemos relacionar também a influência da cultura espírita nas pessoas de um modo geral, “Geralmente são pessoas apegadas no local que morre e não consegue sair”. Assim relata o Sr. Manoel Siqueira Neto.

Quando eu comprei uma parte da terra, por último, comprei em 97, eu comprei essa parte de terra lá é que era sede da fazenda, e fui ficando lá, na época não tinha energia, a casa era velha taperão e eu ficava lá sozinho, foi quando me apareceu esse caboco andando na casa inteira lá, rastando a chinela, ando, ando, saiu da sala passou pelo corredor na porta do meu quarto e foi pra cozinha, andou na cozinha e voltou para sala, depois ele desapareceu. Foi só o barulho das pisadas, passou beraninho a minha cama eu dormindo com a porta aberta, passou a mais ou menos um metro da minha cama, só foi essa vez, é então eu digo que foi o senhor que morava lá antes deu comprar a terra, ele mudou de lá poucos dias que ele mudou ele morreu, ele gostava muito de lá, acredito que foi ele que foi da um passei, eu gostava muito dele também, quando era ele que morava lá, ia pra lá jogava baralho e dormia por lá, ele foi pra fazer uma visita. (Entrevista realizada em 10/11/2013)

Outro fato foi relatado no dia 25 de Novembro de 2013, em que nos diz:

O que aconteceu comigo foi aqui no Corrente aqui, um dia eu tava atoa aqui mais o Ismael meu irmão, nós foi dá uma esperada ali na fazenda do Sr. Ducim, lá foi de caminhoneta e deixei a caminhoneta lá, e nós saiu na beira do corgo do corrente ali, e lá nós fico até a lua sai, e na hora que a lua saiu eu descí do pé de pequi, não matei nada, o Ismael meu irmão tava para baixo assim na beira do corgo, e na vinda minha eu gritei o Ismael meu irmão, ele respondeu lá do outro lado do corgo, lá vô indo lá pra caminhoneta e você rodeia aí e vai, e nisso eu tinha jogado os trem ali no chão, umas sacolas a espingarda e nisso quando ele calo vinha um trem andando, tipo uma pessoa no meio do mato, assim um cerrado sujo, vinha andando veio no meu rumo passou perto de mim, passou a mesma coisa dum pessoa, fiquei quieto pensando que às vezes era algum esperador que tava por perto ali né, e aí ele passou por mim e foi embora, aí eu peguei e joguei as sacolas na cacunda a espingarda e segui, porque ele passou no rumo da estrada, porque a estrada passava no rumo de um beco, e aí eu segui pro rumo dele porque a estrada passava lá e logo via a cerca e a estrada pertinho assim, aí pegava e descia lá pra aguada, e eu passei essa cerca, passei

essa estada e não vi ela, e segui, e tô andando coisa que eu tava indo lá pra caminhoneta, quando eu fui acorda eu tava mais duma légua longe da caminhoneta, que eu cheguei em uma fazenda assim o gado deitado, e puis na cabeça assim, e eu tô é perdido, ai como eu tava na margem do rio eu peguei e subi rio acima, passei devagarzinho assim perto do gado, quando eu escutei a cachoeira do corgo descendo ai eu pensei, agora eu tenho que subir é pra cima, ai eu desconfiei que o trem tava era pra cima eu tinha perdido, ai vim subindo, subindo, quando foi chegando perto da onde eu tinha ido eu gritei ou Ismael meu irmão, quando eu gritei o Ismael, ai ele respondeu, uma voz respondeu em uma tapera que tinha lá do outro lado, ou pode subir ai, você sai na estrada ai, e sai na aguada ai, conversando comigo, sai andando até que cheguei num beco, na estrada, peguei a estrada tinha até o meu rasto que eu tinha passado pra ir, ai fui atravessei, sai na aguada e sai na tapera, quando eu cheguei na tapera, ai não tinha morador lá não, já tinha passado cedo e não tinha morador lá não, ai que chamo o Ismael, calado, nada, lumiei lá no chiqueirinho veio, na tapera veia e nada, ai que cai na minha consciência, o trem que passou lá perto de mim é a assombração uai que fez eu perder desse jeito, ai quando eu chego lá na caminhoneta o Ismael meu irmão dormindo lá, ai eu falei, é assombração aquilo lá, ai eu conversando com o dono lá da fazenda onde eu deixei a caminhoneta, ai ele falou, não aquela tapera é assombrada, direto nego corre de lá, não pois eu pra corre não mais eu vi que tinha acontecido uma coisa deferente comigo lá, e o Ismael dormindo lá na caminhoneta eu danei com ele lá, fiquei uma hora perdido e você aqui dentro aqui, nós conversou lá na hora de descer lá do pau, você desceu pra cá, ai foi isso e veio falo que essa casa lá é assombrada.

O sinal de presságio e de avisos de quando um conhecido ou parente morre, é relatado principalmente por pessoas com experiências de vida mais avançada, que afirmam que quando morriam e estavam longe à pessoa ia avisar e dava um sinal para que sua mensagem fosse compreendida. E, ainda, ao morrer se devendo uma dívida, não conseguia descansar em paz enquanto essa conta não fosse paga ou perdoada. Assim é o depoimento da Senhora Iria Fernandes Siqueira de 79 anos, entrevistada no dia 27 de Novembro de 2013:

Quando á Inês morreu eu fiquei sabendo, era assim nós morava todo mundo perto na mesma região, ela era tia do Nigrim (esposo da Sr.^a Iria) más ela era controlada de vida e podia ajudar nós, mais ela não ajudava com nada, e nós era fraco de situação e tinha que ir pra um lugar que dava pra sobreviver, mais ela era muito sozinha e não queria que a gente sáisse de jeito nenhum, mais não teve jeito não, ai o Nigrim arrumou uma fazenda pra trabalhar de meia pra nós e foi todo mundo morar lá nessa fazenda, e ela ficou lá sozinha numa casa de museu, uma casona da mais grande que tinha, antiga parecendo um museu, e ficou sozinha lá, e ela me devia um polvilho que ela comprava pra fazer bolo frito, eu até lembro dos bolo que ela fritava, más ela nunca pagou esse polvilho, e eu fiquei com raiva porque pra nós era difícil e pra ela não, ela tinha condições de paga e não pagava porque não queria e só ficava falando, olha eu não esqueci não, assim que puder pagar eu te pago, uma hora eu vou te pagar. Mais ai nós mudamos eu não vi ela mais, um dia o Nigrim teve que ir na rua pra trocar o feijão que tinha colhido em mercadoria da venda e uma plantadeira, quando foi á noite na hora de dormir uma bacia pendurada na parede começou a balançar, parecendo que tinha alguém balançando ela, eu via aquilo fiquei meia impressionada mais tentei não dar moral pra quilo não, fui deitar mais os meninos, ai que a coisa ficou feia mesmo, as vasilhas da prateleira começou a

cair tudo o maior barulhão, eu assustei de mais e tudo o que vinha na minha cabeça era a tia Inês, e eu já sabia que ela tava ruim, porque já tinha tido informação, ai eu chamei os meninos tudo pra perto de mim e comecei a rezar, quando eu estava rezando tinha um oratório na sala, o oratório voou longe e quebrou, ai pronto, ai eu tive certeza que era ela mesmo. Quando o Nigrim chegou no outro dia, carregando as coisas que ele tinha comprado, cansado porque era longe lá da estrada até na terra, e as estradas não ia carro era só à cavalo e quase ninguém também tinha carro, ele foi mim contar que a tia Inês tinha morrido, e que ela tava só esperando ele chegar lá pra ela morrer, ai eu perguntei pra ele, há então ele morreu mesmo, ai ele assustou, uai quem te contou, você já sabia que ela tinha morrido? Ai eu respondi que ela tinha vindo aqui à noite me avisar e feito a maior bagunça aqui em casa, e depois que eu dormi eu sonhei com ela mim falando da farinha que ela mim devia, e no sonho eu perdoei ela e falei que ela não preocupasse com isso não porque eu não tava ai com isso não. Ela veio mim pedir perdão da divida dela comigo e eu perdoei ela através do sonho.

Muitos moradores da cidade de Minaçu relatam que quando uma pessoa morria devendo uma dívida ele não ficava em paz enquanto essa conta não fosse paga. Assim aparecia através de sonhos para outra pessoa e pedia que pagasse a conta para que pudessem descansar em paz. Outra história relatada pela mesma entrevistada Senhora iria Fernandes Siqueira:

Quando a gente ainda era criança tinha um lugar lá que toda vez que passava gente escutava um bicho gritando, um grito do mais feio do mundo, ai minha mãe não gostava que a gente sáisse de noite não, porque ela tinha medo e ninguém sabia o que era. Ai um dia a lua tava clara e eu mais meu irmão resolveu sair um pouco pra ir divertir na casa de uns amigos nosso. E nós distraímos e ficou tarde, e na hora de ir embora tava o grito bem na estrada aonde nós ia passar pra ir embora e agente ficou com medo mais tinha que ir assim mesmo, ai quanto mais a gente andava mais chegava perto do grito, até que aproximou e quando a gente viu saiu um carneirinho banquinho do mato e atravessou a estrada onde a gente tava passando, e nós esticamos o pé na carreira até chegar em casa, quando chegamos minha mãe tava das mais preocupada e perguntou se a gente não tinha passado por nada na estrada porque o bicho tava que gritava, ai nós respondemos pra ela que tinha visto mais que era só um carneirinho. Ai um homem que era mais corajoso ouvia esse grito e choro de criança toda vez que passava nessa estrada perto de uma tapera, ai ele resolveu ir lá na tapera para ver o que tinha lá, quando ele chegou era uma tapera muito velha só tinha os esteios da casa e as paredes de madeira e ele viu vestígios de criança que morava ali antigamente. Era uma criança que morreu e foi enterrada sem batizar naquele local, ele fez umas rezas lá e choro e os gritos nunca mais apareceram.

Histórias de trabalhos chamados de “macumba⁴” no senso comum, em que muitas pessoas procuram essa prática a fim de resolver algum problema amoroso e de outros fins aparecem na região, pois a cidade apresenta um número expressivo de evangélicos. Geralmente os locais para esses trabalhos são encruzilhadas ou rio, que por ter água corrente pode beneficiar dependendo do tipo de feito que esta se concretizando. Dessa forma para contribuir com a pesquisa a Srt^a. Edinice Francisco Marques de 31 anos,

⁴ Não temos por intuito reforçar estereótipos preconceituosos em relação às religiões de matrizes africanas, usamos este termos por se tratar de uma palavra utilizada pelos entrevistados.

evangélica da Assembleia de Deus, entrevistada no dia 18 de Novembro de 2013, nos relata sobre o sobrinho que fez um desmanche de “macumba”:

À noite quando ele dormiu de repente ele acordou sentindo alguém sufocando ele, apertando a garganta dele, e ele quase não conseguia gritar e ele só esperneava e chamava mãe, mãe, até que minha mãe acordou e ele falava que tava puxando ele para o buraco escuro mais só que ela tava indo era pra debaixo da cama, que era de noite, tava dormindo, e ele sentia isso né, até que minha mãe acordou e orou e aquilo parou né, aí no outro dia de manhã foi perguntar por que tinha alguém enforcando ele, se era sonho ou pesadelo, aí ele falou que não que tinha alguém mesmo enforcando ele e puxando ele pra dentro do buraco escuro. Aí minha mãe foi perguntar porque tinha feito isso porque podia ser o capeta né, aí ele foi fala que era porque ele tinha chutado umas velas com umas pinga lá e tinha comido farofa, que tinha uma vasilha cheia de farofa lá e ele comeu, nós morava no rumo do rio corrente pro lado da Serra da Mesa, aí tinha um rio que passava lá, dentro daquele rio tinha muito vela colorida que eles faziam macumba lá, aí numa dessa aí ele pegou e comeu a farofa, ele tinha uns nove a dez anos, aí de noite ele pegou e ficou sentindo isso, aí minha mãe orou e acabou.

A entrevistada declarou que o pai contava histórias de invenções populares, tais como o pai do mato, o boto, como prática das famílias goianas, as histórias eram retratadas sempre à noite, fazia uma fogueira no quintal e todos ficavam em círculo em volta da fogueira, enquanto o pai contava as histórias, logo depois todos iam dormir com medo e embrulhavam até a cabeça. Dessa forma relata chaveiro (2001, p.54) relata:

Especialmente antes de dormir, o camponês sem interferência da TV e de outros aparatos da cultura modernizada, se reunia com os filhos menores e lhes narravam casos de assombrações. O modo dramático de teatralizar a narrativa e a eficiência em convencer que o caso – ou causo – fora verdadeiro, penetrava o inconsciente da criança atuando nela de duas formas: por um lado, tinha o sentido literário visto através do enredo, da estrutura e da configuração das situações; por outro lado, servia como educação do filho, inclusive pelo exercício de sadismo.

Outras ocorrências que impressionam são fazendas muito antigas que já passaram muitos moradores e fatos intrigantes ocorreram no lugar, como assassinatos entre pai e filho, pessoas que foram queimadas ainda com vida e nesse local começam acontecer de porteiras pesadas abrirem em determinados horários da noite, ventos em locais específicos que não seguem um curso, chinelos arrastam, no qual vê os chinelos andando sozinhos sem pé, mexendo nas vasilhas da cozinha e tomando água, nesse local já foi percebido por mais de uma pessoa o mesmo fato, após estarem deitados uma toalha começa a abanar as pernas das pessoas, sentem o barulho e o vento da toalha, só não visualizam o material. Histórias como essas serão relatadas pelo Senhor José Alves de Brito dos Santos, 39 anos, na Fazenda Sitio Takaje, entrevistado no dia 02 de Dezembro de 2013.

Lá é assim, meu sobrinho chegou da firma né ai ele foi pra lá dormir lá, fica mais nós lá, ai eu arrumei o quarto lá tudinho pra ele lá na casa, ai no outro dia cedo que eu levantei pra ir pro curral tirar leite, ele tava sentado lá na cadeira, lá na área, sozinho lá embrulhado em uma coberta, ai eu cheguei e perguntei uai Zezé o que aconteceu? Tio eu não dormi essa noite não! Não dormiu, uai porque você não dormiu? Na hora que eu desligava a luz do quarto, mais vinha um vento frio assim em mim, que nem sacudia uma toalha em mim dos pés a cabeça, ai acendia a luz não tinha nada, na hora que apagava a luz a toalha começava a sacudir de novo fazendo vento em mim, e a porteira do curral ficava abrindo toda hora e eu pensava, o tio Zezinho já tá indo pro curral, isso era uma hora da manhã duas horas da manhã. Ai no mesmo dia à tarde eu perguntei pra ele, Zezé você quer dormir lá de novo? Ele disse não tio, não dou conta mais não, ficou lá dez dias, mas posou lá na outra casinha mais nós, e lá não teve coragem mais não.

Assim continua as histórias do Senhor José Alves de Brito dos Santos, em que os fatos continuam a ocorrer na mesma propriedade, histórias como o gado que estoura no pasto é muito comum de ouvir dos sertanejos da região:

Tava com um ano mais ou menos que eu tava lá, ai tava ali lá pelas oito horas da noite tava deitado lá no chão assim da área assistindo uma novela, uma televisão, e o gado tava num pasto pra riba do curral, quando eu escutei foi só aquele estouro mesmo, cerca rebentando, gado berrando e rebentando, rebentando fio de arame e saindo correndo, aquele trem assustado, ai peguei a lanterna lumiei pra riba o gado tudo quietinho, deitadinho, tava quietinho, ai tornei volta, e foi só o prazo deu volta de novo aquele estouro de novo, falei mais tá errado, ai fui lá de novo, olhei, e nada, ai a gente já começa a ficar espantado né, da aquela friagem assim não dá, ai não deu nada não o gado tava tudo quieto, deitado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As manifestações culturais através das histórias relatadas pelos sertanejos da região justificam a presença da cultura que permanece nos dias contemporâneos, idealizando a subjetividade e os conceitos tradicionais. A cultura rural mesclada com a urbana em um contexto histórico de representações diminui as diferenças entre o que é ser urbano ou o que é ser rural afinal, o que é importante é ser sertanejo, sendo assim expressada através dos sentimentos que carregam ao longo da vida, dessa forma os moradores rurais e urbanos carrega na alma o prazer de serem sertanejos.

Com esta pesquisa, e com a observação dos depoimentos observamos como o modo de vida sertanejo e os símbolos culturais permanecem e reafirmam a cultura sertaneja no bojo da modernidade. Os casos de fantasmas e assombrações, as tradições e credences antigas estão presentes na vida atual, assim como os costumes do mutirão, da traição, as rezas, as benzeções, as simpatias fazem parte da cultura e do universo sertanejo. Mesmo com tantas mudanças, a cultura se mantém dialética, a base estrutural permanece firme.

Por fim, podemos parafrasear assim, Cosgrove: ‘O sertão está em toda a parte’. A cultura apenas se mescla, se transforma, ganha novos significados, mas não acaba. E as histórias de medo, acreditem quem quiser, ou melhor, quem presenciar alguma coisa esquisita por aí.

Un Mirar Sobre La Cultura Certeneja En Minaçu-Goiás (2014)

Resumen: La idea de lo certon historicamente construída en lo Brasil remete a un lugar seco, de poca água, difícil de sobrevivir, ou lugar poco habitado, en que los moradores sofrene pero los vários fatores, como por exemplo, la fome, la seca, inclusive la falta de acceso las tecnologias. Esa ideia viene de la imaginación reforzada por los estereotipos que son producidos por los primeros viajantes que conocerán las regiones brasileñas. Alán de las otras representaciones recurrentes de la media como, los cines e las novelas. Estas concepciones del serton también se sustentan pero hecho de una parte de lo Brazil tiene riquezas, y en otras partes, pobrezas. Entretanto, las desigualdad sociales e históricas están presentes en cualquier paisaje. La partir disto, proponemos debatir las siguientes cuestiones este trabajo: Há traços visibilices e no visibilices de la cultura certeneja? O que compone lo certon? Como espacializa la cultura certeneja en Minaçu? Como son las historias de miedo narradas pero los certenejas? Este artículo tiene como cuño metodológico, la reflexione teórica e procedimientos cualitativos e cuantitativos comunes a las pesquisas geográficas contemporáneas, más específicamente hace uso principalmente de la Historia Oral. Los resultados obtenidos por esta pesquisa muestran que la cultura serteneja estás presente en Minaçu en historias, crenchas e objetos personales pertenecientes a los moradores.

Palavras clave: Historias Orales. Sertão. Minaçu.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Geralda de. **Em Busca Do Poético do Sertão: Um Estudo De Representações**. UERJ, RJ. 1998.

ALMEIDA, Maria Geralda de. Uma leitura etnogeográfica do Brasil sertanejo. *In: Espaços Culturais: vivências, imaginações e representações*. Salvador: EDUFBA, 2008.

AMADO, Janaína. (et al orgs) **Usos e abusos da história oral**. RJ: FGV, 2006.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **“No Rancho Fundo”, espaços e tempos no mundo rural**. EDUFU, Uberlândia, Minas Gerais, 2009.

CLAVAL, P. A geografia cultural: o estado da arte. In: CORRÊA, R.L. et al. (org.). **Manifestações da Cultura no Espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

COSGROVE, Denis. **A geografia está em toda parte: Cultura e simbolismo nas paisagens humanas**. In: CORRÊA, Roberto Lobato & ROZENDAHL, Zeny (orgs.). Paisagem, Tempo e Cultura. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998.123p. p. 92-123

COSCROVE, Denis e JACKSON, Peter. **Novos Rumos da Geografia Cultural**. Publicado originalmente como “*New Directions in Cultural Geography*”, Area, 19 (2): 1987.

MORAES, Antônio Carlos Robert. O sertão: um “outro” geográfico. In: **Geografia Histórica do Brasil**: cinco ensaios, uma proposta e uma crítica. São Paulo: ANNABLUME, 2009.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

ROSENDAHL, Zeny e CORRÊA, Roberto Lobato (orgs.). *Matrizes da Geografia Cultural*. Rio de Janeiro: edUERJ, 2001.

ROSENDAHL, Zeny e CORRÊA, Roberto Lobato (orgs.). *Paisagem, Tempo e Cultura*. Rio de Janeiro, EdUERJ, 1998.

SOBRE AS AUTORAS

ELIANE MÁRCIA RODRIGUES. Acadêmica do Curso de Geografia da Universidade Estadual de Goiás - Minaçu (GO).

JOYCE DE ALMEIDA BORGES. Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Goiás. Professora da Universidade Estadual de Goiás - Minaçu (GO).

Recebido para avaliação em Fevereiro de 2014
Aceito para publicação em Junho de 2014